

## A CRISE NO PT E SEUS CULPADOS

Para toda a crise ou guerra deve existir sempre um ou alguns culpados. Do ponto de vista hegeliano, o culpado é aquele que perde a batalha, perde a guerra. Pois, o espírito do perdedor não conseguiu se objetivar – a idéia não conseguiu se concretizar – portanto se objetivou o espírito do ganhador. Como a idéia de perfeição sempre está com o espírito vencedor, teleologicamente houve um salto qualitativo em direção à perfeição da humanidade. Como Hegel é um finalista, ele aponta que a perfeição da humanidade deve se concretizar com instalação do Estado Liberal Burguês, que, para ele, era a perfeição máxima do desenvolvimento do homem no aspecto social e humano, visto que em tal Estado seriam garantidas a liberdade individual e o bem comum. Portanto, nesse Estado não poderiam mais haver contradições. Assim, a cada embate, a cada guerra, fatalmente o vencedor ruma em direção à concretização máxima do espírito absoluto. Logo, a culpa pelo erro é seria sempre da coletividade que sustentava tal ideia, que era errônea, e foi derrotada. Então, nunca existiriam culpados individuais. Pois, o método de Hegel é dialético e privilegia o todo, visto que ele assume ontologicamente a “Ideia” universal (todo) como princípio fundante de todas as coisas sensíveis e inteligíveis.

Já Marx, que também é um finalista e aponta como humanização completa do homem o comunismo, parte da realidade social sensível para construir as idéias. Do ponto de vista marxista, o culpado seria sempre o sujeito organizador (particular) que, ou por incapacidade, não entendeu o momento histórico, por isso não conseguiu levar em frente o projeto (idéia) da libertação de sua classe, ou por traição mudou de lado e deixou de agir em prol de seus pares, agindo contra eles. O método de Marx é dialético, como o do Hegel, porém privilegia a parte e não o todo. Apesar de parecer contraditório é assim. Marx privilegia a parte que deverá, a partir da realidade sensível, criar a ideia do todo.

Parece que a direção do PT não se deu conta ainda que a suposta “maracutaia” não é coletiva, mas, individual. A culpa é de cada dirigente da corrente majoritária que, hegelianamente, assumiu que a mudança de uma sociedade começa com a idéia – idéia, realidade, idéia – desvinculada da realidade da massa que age. Eles, individualmente – enquanto grupo majoritário – desvinculados da base, articularam um sistema de abastecimento que os garantisse no poder – dentro e fora do PT – de forma a realizarem o ideal hegeliano de liberdade individual e de bem comum garantido pelo Estado Liberal Burguês. Era um projeto interessante do ponto de vista de idéia, porém “furado” do ponto

de vista prático, pois não levaram em conta as contradições e a oposição da outra classe, que é a burguesia. Era um projeto estalinista, pois a tônica do projeto era: “quem aceita o fim, tem que aceitar os meios”. Mas, esse também é um pensamento puramente hegeliano, pois “fim” é “idéia” e “meios” é a realidade sensível. Logo, quem aceita a realização da idéia de uma sociedade sem fome, sem desemprego, tem que aceitar a realidade do “mensalão”, do caixa dois, etc., desconsiderando-se o momento histórico.

Enfim, agora a punição é uma questão de método. Ou pune-se o todo pelas supostas falcatruas, logo distribui a responsabilidade ao conjunto dos militantes e mantém-se a parte infectada, que é ala majoritária – se não toda, pelo menos a sua cúpula – ou pune-se a parte, e mantém-se o todo que é o PT. A punição da parte só ocorrerá se as esquerdas do PT ganharem as eleições internas, o que é difícil, apesar do meu otimismo. Se a ala majoritária ganhar nenhuma punição haverá e tudo continuará como “dantes na terra de Abrantes”.

Porém, temos outro dilema, se ganharmos as eleições internas, teremos de administrar um espólio e fazer ressuscitar um defunto. Logo a refundação do PT passa pelo Processo de Eleição Direta (PED). O PED irá definir a refundação ou o enterro do PT, enquanto partido de quadros e também de massa.

Antonio Carlos

Toledo, 08/2005